

## EDITORIAL

Caros leitores:

Há um ano, chamávamos a atenção para os ataques sofridos pela universidade pública brasileira e pelo conhecimento científico. Naquele momento estávamos no início de um percurso sobre o qual não imaginávamos o estágio em que nos encontraríamos hoje. A maioria de nós, mundialmente, não havia convivido com um fenômeno de crise global como este. É bastante incômodo, doze meses depois, vivenciarmos a escalada no número de contaminações e óbitos em nosso país. A crise sanitária nacional, por outro lado, está na contramão dos avanços científicos em relação à pandemia. Vacinas diversas foram desenvolvidas em tempo recorde. O que nos assola é o obscurantismo e negacionismo, fatores preponderantes para nosso ritmo lentíssimo de imunizações.

Diga-se novamente: a ciência não parou. E não apenas nos ramos de combate direto ao vírus ou tratamento de seus efeitos. As ciências humanas e sociais têm sido fundamentais para compreensão e enfrentamento desta situação vivenciada. Em nosso caso particular, as questões sobre educação escolar em tempos de pandemia continuam mais do que relevantes. Quais os efeitos da ausência do convívio escolar em nossas crianças? Qual o tamanho do prejuízo em questão de aprendizagem que se impõe a esta geração escolar? Quais as formas de minimizar, por meio de tecnologias e metodologias, os efeitos do impedimento de aulas presenciais cotidianas? Permanecemos, apesar dos pesares, refletindo sobre estas e outras questões. Mais uma vez, nossa revista disponibiliza para seus leitores algumas destas produções.

Iniciamos este percurso analítico com o texto, “A docência compartilhada em período de atendimento remoto”, de Vandra Feretti e Emerson Joucoski. Os autores descrevem como aconteceu a ampliação da participação dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, nos colégios da rede estadual do Paraná, de outubro a dezembro de 2020, nas aulas on-line pelo Google Meet, utilizando como procedimento metodológico para os docentes a docência compartilhada. Na sequência, o artigo “Base Nacional Comum Curricular e a cultura digital: discussões sobre a prática pedagógica”, foi elaborado por Claudia Niz, Milena Aparecida Vendramini Sato, Adriana Lázaro e Thaís Cristina Rodrigues Tezani. O objetivo foi identificar e analisar as concepções dos professores acerca da competência da cultura digital presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Foi realizada a aplicação de um questionário digital, semiaberto composto por 13 perguntas, que contou com a participação de 124 docentes atuantes na Educação Básica, a maioria do interior do Estado de São Paulo.

O terceiro artigo, de autoria de Marcus Henrique Linhares Ponte Filho e Eunice Andrade de Oliveira Menezes, investiga a utilização do aplicativo WhatsApp como ferramenta de suporte comunicativo em uma disciplina no curso de Pedagogia de uma universidade pública no Ceará. Uma análise do discurso discente foi realizada por meio da utilização do aplicativo de mensagens a partir dos pressupostos teóricos da Educomunicação. Em seguida, o texto “Metodologias ativas no ensino da matemática: (re) pensando a prática docente”, produzido por Diego Silva Souza e Cleo Clayton Santos Silva, objetiva fazer uma reflexão teórica sobre o processo de ensino e aprendizagem focado na educação matemática com o

uso de metodologias ativas. Segundo os autores, identificou-se grande variedade de métodos passíveis de aplicação, sendo que a maioria deles deve partir do pressuposto da sala de aula invertida.

Anderson Martins Corrêa e Arnaldo Pinheiro Mont'Alvão Júnior discutem uma perspectiva de possibilitar o protagonismo juvenil na Educação Profissional Tecnológica de nível Médio. Para tanto, propõe-se evidenciar pesquisas conduzidas por estudantes do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, do Estado do Mato Grosso do Sul, como pesquisadores de realidades sociais, políticas e culturais, em especial o “nichos cultural nerd-geek”. Como estudantes de Química em Nível Médio encaram a indicação de videoaulas? Esta é a questão que Elen Gomes Pereira e Luciano Dias da Silva, ambos de Santa Catarina, procuram responder. Trata-se de um relato de experiência da utilização de uma metodologia ativa no ensino híbrido de Química. Segundo os pesquisadores, foram aplicados questionários pré e pós-vivência da aula invertida e as respostas indicam que a maioria dos sujeitos da pesquisa sentiram uma experiência positiva na aprendizagem. Por fim, Karla Angélica Silva do Nascimento apresenta uma revisão sistematizada sobre tecnologias móveis no ensino na saúde apresentados Congresso Internacional ABED de Educação a Distância (CIAED). Ao final, a autora conclui que a literatura sobre o tema, publicada no CIAED entre 2016 e 2019, aconselha expressivo crescimento da produção científica em relação ao uso pedagógico dessas tecnologias no ensino na saúde.

Como se vê, este é mais um número de nossa revista que apresenta importantes reflexões sobre o uso de tecnologias digitais aplicadas à educação em

diferentes níveis e lugares. Esperamos que a leitura destas contribuições colabore no enfrentamento das questões didático-pedagógicas que se tornaram ainda mais expressivas nos tempos pandêmicos que estamos vivenciando. Continuaremos disponibilizando a produção científica no, cada vez mais urgente, embate contra o obscurantismo e negacionismo. Afinal, “apesar de você, amanhã será outro dia”.

Boa leitura!

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos  
Universidade Federal de Sergipe  
Editor-Gerente